

VALORACIÓN Y REGENERACIÓN DEL PAISAJE TRANSFRONTERIZO

Maria Prieto Peinado [ed.]



RU books

Valoración y Regeneración del Paisaje Transfronterizo

Seminario de Investigación Internacional en
**Valoración y Regeneración
del Paisaje Transfronterizo**

María Prieto Peinado [ed.]
Out_arquías 2018



VALORACIÓN Y REGENERACIÓN DEL PAISAJE TRANSFRONTERIZO
<https://outarquias.wordpress.com/>

Edición:

RU books
Plaza Ruiz Valle, 29008 Málaga

Dirección y Coordinación:

María Prieto Peinado (ed.)

Comité científico:

María Prieto Peinado (Universidad de Sevilla)
Aurora da Conceição Parreira Carapinha (Universidad de Évora)
Rute Sousa Matos (Universidad de Évora)
Desiderio Batista (Universidad de Évora)
Elodia Hernández León (Universidad de Évora)

Portada:

Recolectores Urbanos

Diseño colección:

Recolectores Urbanos

Impresión:

Ulzama

Todos los derechos reservados.

Esta publicación no puede ser reproducida ni en parte, ni registrada, ni transmitida por un sistema de información de ninguna forma ni en ningún medio, sea mecánico, fotoquímico, electrónico, por fotocopia o cualquier otro.

(c) de esta edición: dPA + Recolectores Urbanos, 2018

(c) de los textos: sus autores, 2018

(c) de los proyectos: sus autores

(c) de las imágenes: sus autores

Se han hecho todas las gestiones posibles para identificar a los propietarios de los derechos de autor de los textos y las imágenes. Cualquier error u omisión accidental, que tendrá que ser notificado por escrito al editor, será corregido en ediciones posteriores.

ISBN: 97884948082-6-5

Depósito Legal: MA 1696-2018

DICIEMBRE 2018

Introducción

María Prieto Peinado

Work shop de Investigación Internacional Sevilla-Évora

Introducción y Programa

METODOLOGÍAS Grado en Fundamentos de la Arquitectura_US

Infraestructuras ecosistémicas: Reactivación de Sao Domingo y Herrerías.

Trayectorias habitables para el retorno. Pomarao y Puerto la Laja

María Prieto Peinado y Alfonso Ruiz Robles

METODOLOGÍAS Máster_UE

Cortes do Meio

Aurora da Conceição Parreira Carapinha y Rute Sousa Matos

Seminario Científico Internacional en Valoración y Regeneración del Paisaje Transfronterizo

Introducción y Programa

PAISAJE Y MEMORIA/ PAISAGEM E MEMÓRIA

La Patrimonialización de los Paisajes Fronterizos

Elodia Hernández León - Ángeles Castaño Madroñal

Poesía y Paisaje. Intersecciones, ficciones y atmósferas en la obra de Fernando Pessoa

Juan José Vázquez Avellaneda

Paisajes imaginados. De fronteras a territorios de encuentro

Juan Agudo Torrico

A paisagem da água e o património hidráulico comum ao território transfronteiriço.

Os casos do Barrocal algarvio e da Serra de Aracena, Huelva

Desidério Sares Batista

Arquitectura na fronteira. Contributo para o estudo dos conjuntos e sítios do Alentejo e do Algarve

Miguel Reimão Lopes da Costa

Plan acequia - reafirmação da multifuncionalidade da paisagem

Marta Tribuzi Paupério Melo e Luís Manuel Matos Paiva

PAISAJE Y PROYECTO/ PAISAGEM E PROJECTO

Mapear os sistemas para projectar a paisagem: contributos para uma metodologia de projecto

Ana Paula Pinto Gomes Da Silva

Projectar a fronteira entre a terra e a água. Dois Projectos de Paisagem para a Ria Formosa, Algarve

Maria Amélia Fonseca dos Santos

Sistemas eco-activos de habitabilidad. Prácticas en la Faja Pirítica Transfronteriza

María Prieto Peinado

Espacios residuales: Potencialidades

Alfonso Ruiz Robles

Metodologia de projeto. Diálogos entre arquitetura e a arquitetura paisagista

Conceição Freire, Pedro Guilherme e Sofia Salema

Ordinary Landscape (Paisajes Corrientes)

Felix de la Iglesia Salgado y José Enrique López-Canti

Barcos y autocaravanas en el Bajo Guadiana. Reconocimiento secuencial de un paisaje fluvial

Rafael Vioque Cubero

Patrimonio minero y paisaje. Propuestas de rehabilitación en Mina de São Domingos

Mabel Regidor Jiménez

Paisagens resilientes / paisagens alteradas. Reflexões sobre um modelo de intervenção

Mário Monteiro Benjamim

Aproximaciones y re-conocimientos al paisaje

Carolina Prieto de la Viesca

LO LOCAL Y LO GLOBAL EN EL PAISAJE/ O LOCAL E O GLOBAL NA PAISAGEM

Os Montes Alentejanos: uma sábia aliança com a paisagem

Paula Maria Simões

Um Arquitecto Paisagista entra no Polis Litoral Ria Formosa...

Gonçalo Duarte Gomes

(Actas)Paisajes-pentimentí: Memorias de lo no sido. Obliteraciones de lo acaecido

Carlos Tapia Martín

Metodologia de projeto. Diálogos entre arquitetura e a arquitetura paisagista

Conceição Freire, Pedro Guilherme e Sofia Salema (UE)

Biografia

Conceição Freire, Professora auxiliar no Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento (DPAO), Escola de Ciências e Tecnologia (ECT) da UÉ. Membro integrado do Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) e Membro colaborador do Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas (ICAAM) da UÉ. Licenciada em Arquitetura Paisagista (1994), mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico (2000) e doutorada em Artes e Técnicas da Paisagem (2011) na Universidade de Évora (UÉ). Docente na UÉ desde 1996, onde lecciona matérias relacionadas com o projeto de arquitetura paisagista, o desenho da paisagem e a arquitetura paisagista, aos cursos de licenciatura e mestrado em Arquitetura Paisagista e mestrado integrado e doutoramento em Arquitetura. No percurso profissional tem explorado os âmbitos do projeto de arquitetura paisagista e do ordenamento da paisagem – primeiro como profissional liberal, depois ao integrar equipas multidisciplinares de prestação de serviços à comunidade e, mais recentemente, como investigadora. Autora de várias publicações e com participação em diversos projetos de investigação.

Sofia Salema, é formada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (1994). Tem o Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora (2006) e é doutorada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (2012). De 1995 a 2007, trabalhou como arquiteta em Évora no Instituto do Património Arquitectónico (IPPAR), onde foi responsável pelo projeto e acompanhamento de obra de conservação em vários Monumentos no Alentejo. Coordenou e geriu alguns projetos no âmbito do Programa Operacional da Cultura. Como arquiteta é autora ou co-autora de um grande número de projetos, entre os quais a Preservação do Forte do Guincho, a reabilitação da Igreja e Convento das Maltesas, em Estremoz, a reabilitação de uma Convento em Évora para um hotel (Mar d'ar Aqueduto). Integra o Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) desde 2004 publicando a sua investigação assim como os projetos que desenvolveu. É docente no Mestrado Integrado em Arquitectura da Universidade de Évora, desde 2004, onde lecciona também no curso de doutoramento em Arquitectura. Tem assumido também alguns cargos não gestão da universidade assumindo presentemente a vice-presidência do Conselho Científico do CHAIA e do Conselho Científico da Escola de Artes.

Pedro Guilherme, é formado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (1991). Tem o Mestrado Engenharia Civil, especialidade de Engenharia Urbana (2016) e é doutorado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (2016). De 1997 a 2008, trabalhou como arquiteto em Évora no Gabinete de Apoio Técnico de Évora (GAT de Évora), onde foi responsável pelo projeto e acompanhamento de obra de vários edifícios no Alentejo. Desde 2008 integra a Direção de Serviços do Desenvolvimento Regional (DSDR) da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo (CCDR Alentejo) onde é responsável por alguns projetos europeus (MIREU e MISTRAL). Entre 2002 e 2007 integrou o Conselho Diretivo Nacional da Ordem dos Arquitectos e foi responsável pelas relações internacionais. Como arquiteto é autor ou co-autor de um grande número de projetos, entre os quais a Preservação do Forte do Guincho em Cascais, a reabilitação da Igreja e Convento das Maltesas, em Estremoz, a reabilitação de uma Convento em Évora para um hotel (Mar d'ar Aqueduto). Integra o Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) desde 2009 publicando a sua investigação assim como os projetos que desenvolveu. É docente convidado no Mestrado Integrado em Arquitectura da Universidade de Évora, desde 2004, onde lecciona Desenho de Arquitectura.

Metodologia de projeto. Diálogos entre arquitetura e a arquitetura paisagista.

A - O WORKSHOP, O CONCURSO E O PROJETO

O workshop

O Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora, promoveu em 2016 o 2º Workshop Internacional de Arquitetura¹ - “Alqueva: temporalidade do turismo Arquitectura(s) para uma nova territorialidade”. Esta iniciativa integrada na rede internacional de escolas de arquitetura “*Designing Heritage Tourism Landscapes*” e teve como parceiro a Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas de Alqueva (EDIA).



Figura 1 - Trabalho de grupo



Figura 2 - Visitas de estudo ao Alqueva

Nesta atividade académica, que decorreu em Évora entre 9 e 16 de setembro, participaram cerca de 100 alunos, tutores e docentes internacionais das várias universidades que integram a rede internacional, tendo sido desenvolvido um trabalho/exercício de projeto/conceção junto da barragem de Alqueva. O grande lago, objeto, de transformação foi o mote do exercício desenvolvido durante o Workshop, que procurou novos olhares e modos de (re)habitar esse território (Salema, 2014). Para promover a compreensão da vocação do lugar e estimular nos alunos a importância da construção do lugar como uma estratégia conceptual do projeto de arquitetura, o workshop contou com a colaboração de docentes de várias áreas disciplinares, designadamente da arquitetura e da arquitetura paisagista (ver Figura 1). Outras iniciativas as visitas de estudo ao local e região (ver Figura 2), as conferências temáticas foram imprescindíveis instrumentos de reflexão, leitura, interpretação e representação das características do território.



Figura 3 - Proposta Grupo 1



Figura 4 - Proposta Grupo 3

¹ A rede ‘*Designing Heritage Tourism Landscape*’ é uma parceria entre vários departamentos e/ou escolas de arquitetura de várias Universidades (Universidade de Évora, Universidade de Camerino, Universidade de Catânia, Universidade Federico II de Nápoles, Universidade IUAV de Veneza, Escola Nacional Superior de Arquitectura Paris-Malaquis; Universidade de Rosário (Argentina); Universidade de Sevilha e Universidade de Bochum).

Os alunos tinham dois locais (relativamente próximos do muro/paredão da barragem) com programas distintos para desenvolverem o exercício: o Monte dos Pardieiros e Centro de acolhimento de visitantes/ Posto de observação e controlo. O Monte dos Pardeiros é uma antiga casa em ruínas que ganhou uma relação muito especial com o lago e que a EDIA pretendia adaptá-lo a uma função turística. Mais perto da barragem a EDIA pretendia construir um edifício que combinasse dois programas funcionais distintos: Centro de Acolhimento para visitantes e Centro de Observação e Controle (CACOC).

Organizados em pequenos grupos foram desenvolvidas 5 propostas de conceção para o CACOC (ver Figura 3 e Figura 4). Os projetos foram apresentados em sessão pública na Fundação Eugénio de Almeida.

O concurso

A EDIA promove em setembro de 2017 um concurso público n.º 17/2017 para a elaboração do “Projeto do Posto de Observação e Controlo da Barragem do Alqueva e do Centro de Interpretação”.

O júri integrou membros da EDIA e a análise das propostas privilegiou a proposta economicamente mais vantajosa, por ponderação do Preço e dos valores de apreciação da Qualidade da Proposta.

O projeto

Mira Lagos é um local de intervenção único, distingue-se pela posição excecional no território (ver Figura 5 e Figura 7), de grande visual sobre o grande Lago, a barragem, o Guadiana e a paisagem envolvente. A singularidade do local decorre também da artificialização, quase dramática, que apresenta entre a paisagem e a escala das infraestruturas associadas à barragem.



Figura 5 - Vista do local de intervenção



Figura 6 - Vista da proposta

Durante a construção da barragem e das infraestruturas que a apoiam, foi necessário cortar, escavar e rasgar a encosta / colina, (re)desenhando este lugar, de Mira Lagos, com novas plataformas, e grandes planos verticais artificiais. Este processo de transformação alterou a topografia, destruiu o coberto vegetal, criando não só um impacto negativo significativo naquela paisagem, mas também, deixando um legado de estruturas inertes decorrentes da fase de obra desta infraestrutura, em particular um grande eixo pavimentado com carril longitudinal e o conjunto de grandes blocos em betão armado.

Reconhecendo o valor intrínseco, privilegiado e estratégico deste lugar, para a localização, do Posto de Observação e Comando da barragem e Centro Interpretativo (POCCI) de Alqueva, a estratégia global de projeto propôs (re)construir este lugar. O projeto revela-se, assim, como uma oportunidade não só para instalar o POCCI, como de (re)construir um território destruído e degradado, de refazer a colina e de promover a proteção e valorização de áreas que possuem uma elevada sensibilidade ecológica. A intervenção alargou-se então ao lugar de Mira Lagos incluindo o redesenhar a colina, o revestir com o coberto vegetal potencial desta paisagem e, ainda, criar lugares de recreio, de estadia e de miradouro.

O projeto de arquitetura (ver Figura 6 e Figura 8) para além da componente organizacional dos vários espaços requeridos pelo promotor (componente funcional) procurou traduzir e implementar um marco edificado não só em termos territoriais como em termos espaciais internos (componente



Figura 7 - Vista do local de intervenção



Figura 8 - Vista da proposta

espacial). A definição dos volumes edificados e a sua organização foram sendo definidos em relação com um pátio interno e com a envolvente natural (lago e território).

O reconhecimento *in situ* da topografia revelou-se determinante para a opção arquitetónica de integrar a volumetria da proposta na depressão existente e de participar na reconstituição da encosta de Mira Lagos. Esta opção possibilita que, com a implantação do POCCI, se criem distintos momentos e ambiências de acolhimento dos visitantes.

A primeira inicia-se nos espaços da paisagem que a intervenção valoriza, a partir de dois locais, que conduzem o visitante: o principal um terreiro, com funções de estacionamento, que se articula com um pinhal manso (com funções de proteção e de recreio) e com um percurso linear (assente no grande eixo pré-existente); o local secundário de aproximação faz-se a partir da base da encosta (junto ao paredão da barragem), através de um percurso ascendente que termina junto ao edifício.

O momento de acolhimento ao conjunto edificado é assegurado num pátio que se encaixa na colina, este é um espaço central privilegiado, não só de receção como de distribuição. Em articulação com o pátio e a um nível superior, já numa situação de reconfiguração da colina, prevê-se a criação de uma grande plataforma sobre toda a paisagem envolvente. Este miradouro valoriza e enfatiza a imponente amplitude de vistas, cujo cenário é a esmagadora paisagem do Guadiana, do seu grande Lago e da Barragem que caracterizam tão fortemente o lugar de Mira Lagos.

POCCI Alqueva



Figura 9 – Primeiro painel de apresentação do projeto

POCCI Alqueva



Figura 10 - Segundo painel de apresentação do projeto

Neste sentido a proposta arquitetónica e paisagística é implantada com respeito pela configuração original da colina ao se integrar no seu volume e participar na sua reconstrução. Na afirmação da morfologia do conjunto, no contexto da paisagem envolvente, sobressai apenas uma torre como elemento de grande visibilidade e de resposta às funções de instalar o Posto de Comando da barragem.

As propostas dos alunos constituíram casos de estudo para a reflexão sobre as possibilidades do local e do programa. A existência de trabalho prévio no local permitiu uma leitura mais ampla e consistente das possibilidades de projeto e das oportunidades de inovação. Adicionalmente, a experiência docente na análise, sistematização e tipificação comparativa das soluções possibilitou uma racionalidade analítica e crítica sobre o território e programa e a sistematização de um discurso teórico mais complexo.

O programa do edifício do POCCI divide-se em 4 núcleos funcionais: o centro interpretativo (CI), a cafetaria, o auditório e o posto de e comando (POC). Tornou-se óbvio fazer corresponder cada um destes programas funcionais, a construções distintas, que se articulam em torno do de pátio de receção. O pátio é, não só, o espaço de excelência para o acolhimento, como o lugar fundamental da vivência do POCCI, como também, uma resposta bioclimática. O CI terá um carácter informativo, didático e científico, dispondo de um conjunto de pequenos núcleos expositivos e interpretativos sobre a Barragem, o EFMA, o Guadiana, a paisagem, a agricultura e a área de regadio. A base da torre incluirá, ainda, uma sala interpretativa do Alqueva onde será colocado um periscópio que permitirá observar paisagem vista do nível superior da torre. Na torre, semelhante a um farol, será instalado o POC, permitindo por um lado observar (e controlar) os órgãos de segurança da barragem, assim como se torna numa referência neste território. O auditório é concebido e equipado de modo a assegurar a realização de múltiplos eventos, terá a possibilidade de funcionar como um elemento autónomo, com um funcionamento independente dos restantes programas. Estes programas são apoiados por uma cafetaria onde o visitante pode fazer uma pausa e desfrutar de uma refeição leve, num ambiente que se estende naturalmente para o exterior, com uma vista privilegiada para o rio Guadiana, para a cidade de Moura e paisagem envolvente.

A solução do pátio (ver Figura 11), característico da tradição mediterrânica é, também, uma resposta bioclimática. À semelhança da *domus* romana e do pátio islâmico, neste pátio a água das chuvas (conduzida e recolhida na coberturas planas e pavimentos) é reencaminhada para uma cisterna enterrada. Uma parte da água captada é mantida à num espelho de água tornando visível o funcionamento do sistema e proporcionando um ambiente mais fresco e atraindo algumas aves. O



Figura 11 - Ambiente do pátio

pátio é coberto parcialmente por uma galeria/pala permitindo que a circulação dos visitantes pelas quatro construções (cafetaria, centro interpretativo, auditório, posto de observação e comando) esteja protegida das intempéries (chuva e sol). Ao centro uma árvore de pequena dimensão, com folha caduca, floração intensa e tronco escultórico, contribui para a qualidade espacial deste espaço. A amenidade do lugar é ainda assegurada pela presença de um espelho de água e de um canteiro, que contribuem, através da horizontalidade e materialidade com que se desenham, para reforçar a espacialidade e introduzir a ambiência de frescura, fazendo apelo à biodiversidade. O ensombreamento, a vegetação, a ventilação e a presença da água, otimizam a resposta do pátio como espaço bioclimático.

Ao nível das soluções arquitetónicas sublinha-se a opção de utilizar um pátio como resposta bioclimática, assim como adaptar os edifícios à morfologia existente, obtendo as vantagens de uma construção enterrada. Igualmente, os sistemas construtivos retomam a tradição das sólidas paredes de taipa e abobe, mas substituem-se os materiais e técnicas primitivas por congêneres tecnologicamente avançadas e ambientalmente adequadas como o caso do betão armado.

A solução construtiva assenta numa lógica integrada de compromisso entre os critérios de sustentabilidade e os de durabilidade e economia da construção. Neste sentido, a opção apresentada prevê que quase todos os elementos estruturais sejam simultaneamente estrutura e arquitetura. Acresce ainda, a opção de utilizar poucos de acabamento que se resumem ao isolamento térmico em cortiça, aos pavimentos e alguns poucos revestimentos interiores com rebocos cal e a pinturas, que conferem um grau de conforto à construção, mas que permitem também controlar os custos da construção.

Como antes referido, a intervenção funde-se com a paisagem envolvente, requalificando-a na área mais próxima ao novo conjunto edificado. Deste modo o projeto de arquitetura paisagista integra os principais objetivos de redesenhar a colina e de a revestir com o coberto vegetal autóctone, idêntico desta paisagem e, ainda, de criar um lugar para o recreio, que se oferece como um grande miradouro sobre o lago, a barragem e a paisagem envolvente. Os percursos e a vegetação tornam-se, por isso, os elementos estruturantes do projeto.

Deste modo as funções do espaço edificado completam-se com a integração de espaços que revelam a paisagem em que este se inscreve, através da presença de massas diferenciadas de vegetação

e com a exploração das relações visuais. A experiência do lugar é assegurada através de percursos, diretos ou deambulantes, que promovem a descoberta do lugar e da paisagem mais afastada. Essa experiência é ainda assegurada através da oferta dos melhores eixos visuais, de lugares de visita e de permanência, apoiados por mobiliário urbano; entre estes salientam-se o uso dos blocos de betão pré-existentes, parcialmente enterrados, de modo a constituírem bancos ou superfícies mais elevadas de observação, e a sinalética de identificação de espécies e leitores/descriptores da paisagem.

A vegetação usada é expressão visível da ecologia do lugar. Exprime-se predominantemente na valorização da floresta aberta de baixa densidade,² com predomínio da azinheira e também o sobreiro, e da vegetação arbustiva e herbácea que acompanha estas formações vegetais. Dado o carácter pouco diferenciado da vegetação espontânea existente nesta paisagem, a vegetação proposta usa, para além do elenco florístico já presente, um elenco vegetal autóctone mais alargado, ajudando assim no processo de naturalização destas áreas³.

Neste domínio salienta-se ainda a pequena mata de pinheiros mansos antes mencionada, enquanto volume que se contrapõe ao vazio assegurado pelo terreno. A mata é um lugar de contraste sensorial, de sombra, de frescura e de utilização livre (dada a normal inexistência de sub-coberto). Mantêm-se os alinhamentos de vegetação ornamental existentes, decisivos à mais imediata presença de sombra neste lugar.

As massas de vegetação arbustiva e herbácea autóctones introduzidas seguem uma composição que têm por objetivo a fusão com a matriz irregular existente na paisagem em que se inscreve, veiculando-se assim uma imagem de espaço naturalizado.

A experiência do espaço é conduzida pelo sistema de percursos que proporcionam momentos de recreio, em particular o passeio e a contemplação. O percurso principal corresponde ao eixo pré-existente pavimentado e ladeada por carril e os eixos secundários asseguram a deambulação por todo o espaço e o acesso aos lugares mais privilegiados de permanência e/ou de observação da paisagem. Todo o sistema é apoiado por um conjunto de leitores/descriptores de paisagem e pela identificação das principais espécies vegetais (como as principais árvores, arbustos e revestimentos herbáceos) e animais (como as principais aves nidificantes, reptéis e insetos), fomentando-se consequentemente momentos de aprendizagem e, em particular, a educação ambiental.

A intervenção sublinhou as características do território e do lugar pré-existente e conjugou-as de modo inclusivo, ao procurar ajudar o processo de naturalização de um espaço destruído e degradado e ao promover a sua vivência e múltiplas aprendizagens ligadas àquela paisagem.

De um modo geral, podemos concluir que a proposta global - arquitetónica e paisagística -, entregue a concurso (ver Figura 9 e Figura 10), valoriza as já mencionadas características do território e do lugar pré-existente, articula-se com as preocupações estéticas, ecológicas, socioculturais e construtivas: ao propor uma construção integrada na topografia com respostas espaciais e funcionais de grande qualidade; ao incluir a integração do processo de naturalização de um espaço destruído e degradado; e ao promover a experiência do espaço e variadas aprendizagens ligadas à infraestrutura e à paisagem.

Assim a escolha dos materiais, das formas e dos tipos estruturais são, não só indissociáveis da natureza e ambientes dos espaços que se criam, mas também de preocupações ambientais (relacionadas com o aumento da biodiversidade e estabilidade ecológica) e preocupações económicas, sociais e culturais (relacionadas com a vivência e apropriação do espaço face às necessidades da EDIA e da sociedade em geral).

B – DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

O desenvolvimento dos trabalhos decorreu, como em muitos projetos similares, em função dos timings do projeto e da construção da equipa de projeto. Iniciaram-se os trabalhos pela análise dos documentos do concurso. Os trabalhos decorreram em cerca de 3 semanas.

A equipa técnica de projeto requerida pelo promotor era tecnicamente exigente em relação a algumas especialidades relacionadas as condições técnicas da barragem tendo participado na equipa a Tetraplano Engenharia Lda.

Após a definição da equipa concentrámo-nos na definição do projeto. Num primeiro momento de-

2 Onde estão presentes as árvores de folha perene bem-adaptadas às condições edafo-climáticas de secura estival.

3 Catapereiro, murta, carrasco, lentisco, espinheiro-preto, rosmarinho, tojo, madressilva, medronheiro, lentisco, trovisco, espargueira, urze, giesteira-das-vassouras, loendro, esteva, vinca, mato branco, sanguinho-das-sebes, alecrim, luzerna, entre outros.

finiram-se várias hipóteses de intervenção autónomas pelos vários elementos da equipa. Depois efetuaram-se várias sessões de discussão e comparação qualitativa das soluções, num processo de sedimentação, competição e eliminação de soluções e construção de uma proposta comum – *ideia de projeto* - que permitisse uma abordagem crítica e ética ao local e ao programa.

Com base na ideia de projeto e algumas ideias (soltas e desgarradas) sobre o entendimento da topografia e do local procurou-se o aprofundamento do diálogo construtivo e complementar de projeto entre disciplinas. De fato, o projeto é fruto de um conjunto alargado de disciplinas que constroem, dentro de cada uma das suas áreas de saber, uma parte essencial do projeto contribuindo na sua parte para a qualificação e construção do todo.

C – DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

A investigação em/de/por projeto

O processo de projetar decorre dos saberes acumulados, ao nível disciplinar e da prática profissional, e dos conhecimentos trazidos pela investigação, onde sobressaem circunstâncias e procedimentos físicos e conceptuais específicos, condicionantes ou instigadores do ato de projetar (Freire, 2011; Salema, Soares, Rivera, 2014).

A conceção da forma arquitetónica e paisagística exprime uma síntese formal, que envolve fatores intrínsecos e extrínsecos ao projeto, diferentemente relacionáveis entre si e distintamente expressivos para cada área disciplinar e para cada indivíduo (Freire, 2011). Essa síntese funda-se sobre o vocabulário estético, a base do desenho arquitetónico (Antoniades, 1976), que é também, conjuntamente com os princípios ecológicos, a base do desenho da paisagem. A conceção - arquitetónica e paisagística - compreende assim aspetos muito variados (composição, organização, ordem/hierarquia, dominância/pontuação, imaginabilidade, legibilidade, identidade, diversidade, escala, proporção, ritmo, unidade, significado, intenção e moral) onde interferem domínios estéticos, ecológicos, culturais e éticos.

O concurso como oportunidade de investigação

O concurso assume-se como um campo de possibilidades, um tempo e um espaço de busca pela excelência em arquitetura (Guilherme, 2016), e, de certa forma, uma forma de utopia (livre dos compromissos e processos sociais). O concurso permitiu uma independência criativa que induziu à experimentação e **uma liberdade formal que assume o carácter de investigação em projeto, no projeto e sobre o próprio projeto** (Frayling, 1993; Guilherme e Salema, 2017).

Com a diminuição da autoridade e controlo por parte dos autores da produção arquitetónica e paisagística contemporânea da encomenda tradicional, o concurso introduz um santuário aparente para o exercício da produção formal e para a experimentação laboratorial do projeto. A autonomia induz uma discussão sobre a arquitetura nos seus aspetos estéticos e formais, como uma entidade sem tempo e fora do diálogo social, definindo um processo académico e de especulação teórica.

Os documentos do concurso são intensões de projeto inevitavelmente contrapostas com uma narrativa visual através de desenhos como primeiro modo de representação e avaliação do objeto solução pretendido para a questão problema, capaz de ser comparada com outras e avaliada segundo critérios de superioridade estética ou funcional.

O concurso assume, portanto, um exemplo na praxis de um processo académico, testado e refinado no sistema do atelier de projeto, onde a utopia fixa no momento final da entrega, a proposta cultural essencial e inovadora. A arquitetura em concurso assume-se fora da praxis, porque é arte ou design, e o trabalho racional e objetivo, subsequente ao sucesso da proposta e exclusivo do vencedor, é apenas posterior. O concurso é, ainda assim, uma forma de sacrifício económico e epistemológico, uma nobre oferta cultural para a Arquitetura e para a Paisagem.

A equipa e a oportunidade de melhoria do projeto e enriquecimento da ideia.

No processo de construção do projeto foi determinante o pressuposto seguido pelas áreas disciplinares da arquitetura e arquitetura paisagista - encarar o projeto como um todo, objeto arquitetónico e envolvente paisagística em que este se inscreve (ver Figura 12).

Num contexto de dialética disciplinar, na resposta ao programa de concurso e com alargamento da área de intervenção, foram-se delineando estratégias, experimentando e afinando volumes, formas e materialidades, procurando-se qualificar espaços, ambiências e experiências, que se traduziram

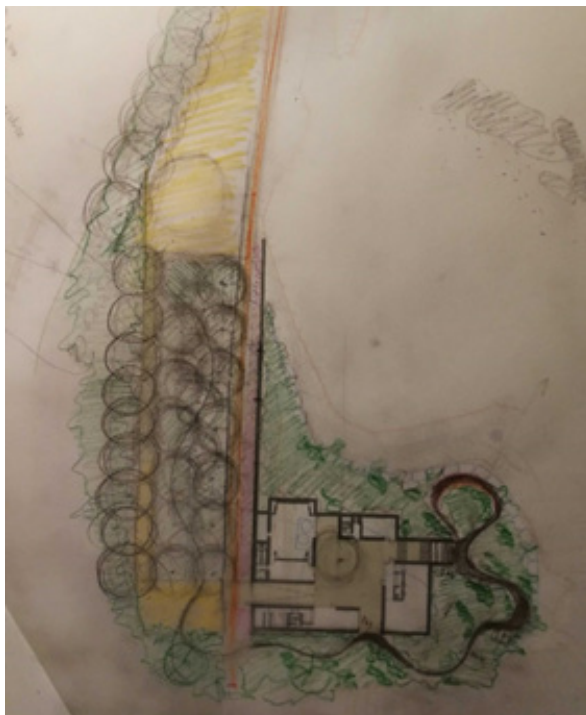


Figura 12 - Esquiço comum

não só na estratégia adotada e conceptualização da ideia, como na sua comunicação e fundamentação, através das componentes desenhadas e escritas.

Os diálogos, entre as duas áreas disciplinares, centraram-se ativamente nalguns aspetos determinantes face à intervenção realizada, designadamente:

- Características singulares do lugar (domínio visual, especificidades topográficas, geológicas e vegetação) e problemas a ele associados (degradações de relevo e do solo, limitado elenco vegetal, decorrentes da construção da barragem e da presença de anterior estaleiro no local) potenciadores da intervenção;
- Aspetos conceptuais, em particular os morfológicos, relacionados com o espaço construído e o espaço livre em que este se inscreve; destaque para a conjugação de equilíbrios entre volumes (fechados e abertos, inertes ou vegetais);
- Valorização de pré-existências (relevo e topografia, estruturas resultantes da construção da barragem, planos inclinados rochosos e/ou artificializados com betão, vegetação pontual residual);
- Relações físicas e visuais entre o lugar e a sua envolvente (mais próxima e mais distante) e entre o espaço interior edificado e o espaço exterior mais contíguo;
- Exploração e conjugação de materialidades associadas aos materiais vivos e matérias inertes a utilizar;



- Concertação de uma estratégia assente na missão de responder ao programa e, simultaneamente, colaborar com o espaço da paisagem em que o mesmo se inscreve e fomentar a ideia de servir/educar através da intervenção;
- Modos de comunicação gráfica mais eficientes na comunicação global da ideia e de algumas das suas principais particularidades.

Como resultado desta experiência de trabalho integrado, entre a arquitetura e arquitetura paisagista, podemos afirmar que a especificidade de cada área disciplinar é determinante na construção de uma solução de projeto globalmente mais rica, identificando-se neste processo aspetos e domínios que são comuns e outros que são complementares. Reconhece-se que os domínios estéticos, funcionais e sociais são aqueles em que o discurso entre as duas disciplinas mais se operacionalizam no contexto da sua decisiva articulação e que o domínio ecológico, privilegiado pela arquitetura paisagista, contribuiu significativamente para a estratégia global seguida e para a solução de projeto arquitetónico adotado, na sua componente de relação com a envolvente livre em que se inscreve.

D - Conclusões

Como inicialmente referido, as experiências interdisciplinares, que o presente caso estudo comporta, tratam dois níveis de aproximação, que defendemos como fundamentais – primeiramente ao nível académico, com uma abordagem pedagógica integradora de ambas as áreas disciplinares, através do workshop internacional e, numa fase posterior, no contexto profissional, através da resposta ao concurso.

Há assim uma dialética frutuosa entre universos distintos - a Academia e a Praxis - que estimulam a mútua reflexão teórica e crítica, induzindo uma enriquecida prática profissional. Acresce que este tipo de exercícios académicos com uma aproximação à prática de projeto são difíceis de concretizar por quem está refém de apenas um dos dois universos.

A atividade de ensino fomentada através do workshop funda-se na construção de uma oportunidade efetiva de integração de saberes, de articulação com a investigação e de maior ligação à atividade profissional e às necessidades da sociedade (Ramos e Freire, 2013).

A integração disciplinar, fomentada ao nível académico ou profissional, incluiu trabalho de projeto real, a adaptação de conceitos e terminologias, o ajuste de tipos de discursos e argumentos e cooperação metodológico e instrumental (Freire, 2011). Da experiência havida identificamos quatro características que particularizam o processo de projeto como um todo, que nos permitiram celebrar e valorizar a dinâmica que caracteriza o sistema paisagem e, simultaneamente, ativar o carácter de modificação e inovação que é próprio à vida das comunidades:

- Projeto integrador: projeto que inclui as áreas disciplinares da arquitetura e arquitetura paisagista⁴; estratégia de projeto que se estabelece com base na ideia de conectividade com a envolvente (portanto sem fronteiras) e nas relações entre o espaço interior e o espaço exterior;
- Processo dinâmico e evolutivo: o workshop e o concurso; a importância do tempo e do espaço na construção da ideia;
- Projeto regenerativo da paisagem: exploração das ideias associada à conservação na natureza, à morfologia ecológica, ações de reparação e de reutilização de estruturas;
- Desenho estratégico: abordagem sistémica (assente na topografia, na vegetação e nas relações visuais); exploração da ideia de infraestrutura ecológica (que tira partido da morfologia e assenta na fitossociologia); exploração da identidade de lugar; oportunidade de experiências sensoriais; conveniências pedagógicas.

O concurso disponibiliza através da investigação em/de/por projeto a oportunidade de aplicação prática do exercício teórico numa narrativa de retórica visual e textual. A proposta teórica torna-se real, física e formal.

Do exercício de projeto confirmam-se hipóteses, sedimentam-se conhecimentos e levantam-se novas pistas de investigação a desenvolver em ambiente académico. O processo descrito neste artigo (re)inicializa e alimenta a Academia e a Praxis, num eterno ciclo otimista de conhecimento.

4 Integrou também a engenharia, porém optámos por não a tratar nesta reflexão.

Bibliografia

Antoniades, A. (1976). *Introduction to environmental design*. New York: MSS.

Frayling, Christopher (1993). Research in art and design. *Royal College of Art Research Papers, 1(1)*. London: Royal College of Art.

Freire, Maria (2011). Para uma diferente aproximação ao ensino do projeto de arquitetura paisagista. Tese de doutoramento. Universidade de Évora, Évora.

Guilherme, Pedro (2016). O concurso internacional de arquitetura como processo de internacionalização e investigação na arquitetura de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, Lisboa.

Guilherme, Pedro; Salema, Sofia (2017). Emerging research: the architect's personal research through design competition. In *Architectural Research Addressing Societal Challenges: Proceedings of the EAAE ARCC 10th International Conference (EAAE ARCC 2016)*, Manuel Couceiro Costa, Filipa Roseta (Eds), CRC Press - Taylor & Francis.

Ramos, Isabel; Freire, Maria (2013). Os domínios de atuação da Universidade - investigação, ensino e prestação de serviços à comunidade - devem ser pensados globalmente como ações complementares e articuladas? O estudo caso do curso intensivo "landscape ambassador". In *Atas da 3ª Conferência FORGES*, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Salema, Sofia (2014). Texto introdutório (prefácio) na publicação / livro pedagógico - ALQUEVA, paisagem como tema. Rui Mendes; Pedro Pacheco; João Rocha (Eds). Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora.

Salema, Sofia; Soares, João; Rivera, Jorge (2014). The Experience of a Pioneer Research Program in Architecture, in Évora. In *Architecture and Education Journal* nº 11, p. 471-485.

